

Turismo de aventura em Quixadá e suas implicações para a comunidade

Aluno: Francisco José Batista de Sousa.
Orientador: Prof. Me. Manuel Bandeira dos Santos Neto

INTRODUÇÃO

Nasci na cidade de Quixadá. E durante o período da graduação, onde cursei Gestão de Turismo passei a observar com mais atenção o potencial turístico pouco explorado do município.

Detentora de monólitos, trilhas, belezas naturais propícias da caatinga, Quixadá tem inúmeros fatores que podem garantir a atração de pessoas das diversas regiões do país e do exterior.

A cidade conta com aspectos que poderiam fomentar o turismo religioso, o turismo culinário e cultural. E quaisquer dessas práticas não vem sendo prioridade nem do poder público e nem da iniciativa privada.

Munido desta vivência como morador de Quixadá e como graduado em Gestão de Turismo, durante esse presente MBA em Gestão e Governança Público, resolvi analisar o Turismo de Aventura do município e suas implicações para a comunidade.

Hoje, os turistas buscam novas experiências aliadas ao contato com a natureza. Com essa busca, houve um crescimento da oferta de novos produtos de turismo. Diante disso e considerando o aumento da demanda nacional e internacional por tais experiências, o Ministério do Turismo considera o segmento de Turismo de Aventura como prioritário para investimentos em organização e estruturação.

A permanente busca de novos produtos turísticos tem levado a mudanças nas estratégias de planejamento, gestão e promoção do turismo, privilegiando a diversificação da oferta, o surgimento de novos destinos e o reposicionamento de rotas consolidadas. Vale ainda ressaltar o notório crescimento da abordagem do referido segmento.

Frente à dimensão econômica, às especificidades desse segmento turístico e às inter-relações com outros tipos de turismo, principalmente, quanto à segurança, verificou-se a necessidade de delimitar a sua abrangência conceitual e de definir suas características, aspectos e atributos peculiares que lhe conferem identidade.

Tais diferenciais se manifestam na diversidade das atividades de aventura que o constitui e na possibilidade de ocorrência em ambientes variados, de centros urbanos a áreas remotas, bem como nas Unidades de Conservação em locais naturais, em função das especificidades de cada prática.

As questões técnicas, mercadológicas e éticas que envolvem o Turismo de Aventura apontam a necessidade de referenciais teóricos e abordagens operacionais que orientem etapas e processos para sua estruturação, consideradas neste trabalho.

Diante disso, expõe, inicialmente, o marco conceitual e legal para a compreensão do que o esporte de aventura de Quixadá, em particular o segmento, Voo Livre, contempla também as bases para o desenvolvimento do Turismo de Aventura, que subsidiam a identificação e análise dos recursos existentes, além de fatores para agregação de atratividade ao segmento. Estes documentos contém a inclusão dos aspectos históricos do Turismo de Aventura, inclusão de novas atividades de aventura no município, atualização do perfil do turista de aventura.

Por fim, também apresenta estudos e pesquisas que revelam importantes informações para a estruturação e promoção de produtos turísticos de

aventura, além de boas práticas observadas, com vistas a favorecer o desenvolvimento do Turismo de Aventura no Ceará. E a partir do foco desta prática no município de Quixadá, iremos discutir: Qual o papel dos esportes radicais para o fomento do turismo no município de Quixadá. O turismo de aventura vem se destacando como um dos segmentos que mais cresce no Brasil e no Mundo.

Assim como nos mostra Santos e Kadota (2012, p.14): “o turismo pode ser entendido como elemento ativo da economia, gerando impactos sobre a renda, o emprego e o bem-estar social de um país, região e localidade”. É por esse e outros fatores que existe um interesse pelo desenvolvimento do turismo de aventura em Quixadá.

Para tanto, precisamos pesquisar, o município reúne condições favoráveis para que essa atividade venham se tornar um dos vetores de desenvolvimento local? Há investimentos públicos e privados, nessa atividade econômica?

Com base na pergunta de partida as hipóteses sugeridas:

A interiorização do turismo na localidade de Quixadá beneficia a cidade com a chegada dos visitantes que vêm de longe para se instalar no Município, fomentando a atividade e promovendo o reencontro do homem com a natureza, da prática do esporte no ambiente natural.

OBJETIVOS

Com base no que fora discutindo anteriormente e levando em conta os aspectos do município, Objetivo Geral do seguinte trabalho será analisar o turismo de aventura em Quixadá e suas implicações junto à comunidade.

Objetivos Específicos são verificar o impacto econômico do turismo, investigar o papel dos agentes existentes que compõem o mercado turístico em Quixadá e as principais particularidades do turismo na região.

JUSTIFICATIVA

O turismo é um elemento importante da vida social e econômica de uma comunidade, seja ela municipal regional ou nacional. A função do turismo é a captação de divisas para os países e a atividade é considerada uma das mais expressivas na economia mundial. Considerada a maior prestadora de serviços no mundo, é um grande gerador de empregos, de renda e de divisas, podendo vir a ser a solução para o desenvolvimento econômico-social de uma nação (EMBRATUR 2006).

O turismo tem apenas uma função econômica? Certamente não. O município de Quixadá, localizado no sertão cearense, é considerado, hoje, como a “cidade dos esportes radicais” (ABETA 2009), segmento que cresceu bastante nos últimos dez anos, facilitando o acesso para os esportes de aventura. Portanto, o turismo de aventura depende de muitos atributos do local, meio ambiente, tais como a diversidade da vida selvagem, segurança e capacidade de suportar diversas atividades.

Dessa forma torna-se necessário pesquisar se existe implicações do mercado do turismo na cidade, as implicações do mesmo em relação ao comércio local e demais atividades econômicas desenvolvidas no município e atender a importância direta disso na vida cotidiana dos moradores e demais atores que envolvem-se com a difusão do turismo em Quixadá, destacando como o poder público e a iniciativa privada fomentam essas ações.

A metodologia do presente partiu de levantamento bibliográfica com base nos estudos dos seguintes autores, a pesquisa também utilizou-se de dados oficiais de órgãos Estaduais e Municipais como o IPECE – Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará, Setur – Secretaria de Turismo do Ceará e Secretaria Municipal de Turismo de Quixadá. Tais entidades são responsáveis pelo fomento e organização econômicos dos diversos atores envolvidos na cadeia turística do município. Junto a essas informações, também se somaram dados do Sebrae-CE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica tem o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007).

REFERENCIAL TEÓRICO

Atividades como *voo livre* e *asa delta*, dentre outras, que implicam em um contato direto com a natureza, são procuradas por pessoas aventureiras, que buscam emoções que propiciem altas descargas de adrenalina no organismo, possibilitam o reconhecimento do turismo de aventura no estado (VIGNEAU, 1998).

Para (Fernandes,1998), o turismo de aventura promove a prática de atividade física, que tem por finalidade envolver emoções e riscos controlados exigindo técnicas e equipamentos específicos garantindo à segurança de quem a prática.

As tendências esportivas, assim como os equipamentos, eram trazidos principalmente dos Estados Unidos e da Europa e atendiam a poucos. Com a popularização de alguns esportes específicos, a mídia tradicional passou a dar atenção especial aos mesmos e atraiu o interesse do público considerado comum. Assim, a população começou a tomar consciência que a prática dos esportes de aventura era segura e acessível, tanto que a maioria dos esportes pode ser praticada por todas as faixas etárias. A aproximação das pessoas ditas “comuns” aumentou o universo de praticantes e fomentou o mercado segundo Alcyane Marinho 1998.

Já para Mascarenhas (1999), os turistas participantes são, em geral, pessoas jovens ou adultas com as seguintes características: têm espírito de aventura, são curiosas e adoram compartilhar experiências; viajam em grupos pequenos, em média de oito a dez pessoas e não mais de quinze; trabalham em equipe, incentivando o companheirismo; seus destinos são ricos do ponto de vista ambiental e cultural, bem conservados, de baixa frequência, e são locais onde ainda se podem encontrar perigos constantes; suas viagens são necessariamente difíceis e os viajantes são submetidos a desafios e fortes emoções, testes de habilidades especiais ou prévia experiência.

O Turismo de Aventura não surge apenas de um único fato, mas nasce de diferentes formas, em lugares diversos que antes não se comunicavam entre si. Pode-se dizer que, em um primeiro momento, o que hoje se denomina Turismo de Aventura nada mais era do que uma forma prazerosa de estar em contato com a natureza, mesmo em um tempo em que esse tipo de lazer poderia ser visto com certo estranhamento por alguns setores da sociedade.

O segmento nasceu com um pequeno grupo de pessoas dispersas geograficamente, de diferentes classes sociais e idades, que começaram a desenvolver práticas junto ao meio ambiente, passando a visualizar a possibilidade de fazer daquilo seu meio de vida. Na década de 80, houve as primeiras reflexões sobre Turismo de Aventura. Autores demonstravam uma tendência de considerar aspectos clássicos do termo somente como as

possibilidades econômicas do setor, a necessidade da experiência turística em meio natural e a relação dos elementos de risco com a participação controlada do turista. No fim dos anos 90, os primeiros equipamentos utilizados para a realização de atividades de natureza (capacetes, caiaques infláveis, cordas, entre outros) começaram a ser produzidos no Brasil. Em 1999, foi organizada a primeira feira do setor de Turismo de Aventura, a *Adventure Sports Fair*, que proporcionou a promoção e o conhecimento sobre as atividades do segmento. A feira teve um importante papel para o associativismo do segmento, onde algumas organizações foram criadas.

O Turismo de Aventura reflete as características da aventura, bem como da atividade turística. Não há um consenso formado no meio científico a respeito do assunto, mas é possível traçar uma linha evolutiva da definição. O vocábulo aventura é passível de mais de uma interpretação e varia de acordo com a definição que o leitor terá do termo, que por si só também pode ter significados diferentes.

As reações ao termo podem ir do medo ao entusiasmo, por isso, existem possibilidades de diversas interpretações. De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p.356), o vocábulo aventura deriva-se do latim vulgar, *adventura*, que significa *o que vai acontecer a alguém*. Remete a resultados incertos, expectativas e descobertas. O desconhecimento da conclusão final da atividade motiva os praticantes e a recompensa pelo desafio reside no benefício da experiência em si. Além disso, pode ser uma atividade solitária, de escapismo do ritmo habitual de vida e um momento para enfrentar riscos e medos.

A aventura está, portanto, ligada mais às percepções mentais e emocionais dos indivíduos do que a sua capacidade física, no entanto, requer engajamento, as primeiras reflexões a respeito do Turismo de Aventura remetem à década de 80. Autores mostravam uma tendência de considerar os aspectos clássicos do termo somente como as possibilidades econômicas do setor, a necessidade da prática em meio natural e a relação dos elementos de

risco com a participação controlada do praticante. Além de conduzir à exploração comercial do segmento, ao definir o que a atividade envolvia.

Interações com o meio natural excluem as possibilidades de prática no meio urbano e em ambientes fechados. Amplia a concepção de Turismo de Aventura e relaciona-o à elevação espiritual do participante, atraindo uma proporção cada vez maior da população que está “em busca de auto-realização e prazer através de atividades físicas e mentais estimulantes”. Essas diferentes concepções demonstram que os conteúdos em torno desse ramo turístico transitam em dimensões variadas.

No Brasil, a primeira definição de Turismo de Aventura foi elaborada em abril de 2001, na Oficina para a Elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizada em Caeté, Minas Gerais, organizada pela EMBRATUR Empresa Brasileira de Turismo.

O conceito de Turismo de Aventura fundamenta-se em aspectos que se referem à atividade turística e ao território em relação à motivação do turista, pressupondo o respeito nas relações institucionais, de mercado, entre os aventureiros e o ambiente. Nesse contexto, define-se que: Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de caráter recreativo e não competitivo.

Embora aparentemente simples, o conceito de Turismo de Aventura traz em si diversos termos que quando não compreendidos integralmente podem levar a errôneos entendimentos dos mesmos. Para fins de delimitação do segmento, esclarecem-se os significados dos termos “movimentos turísticos”, “atividades de aventura” e “caráter recreativo e não competitivo”, pois são consideradas expressões fundamentais para a compreensão integral do conceito.

São entendidos como movimentos turísticos os deslocamentos e estadias que presumem a efetivação de atividades consideradas turísticas. No caso do Turismo de Aventura, são geradas pela realização de atividades de aventura que dão consistência a esse segmento, envolvendo a oferta de serviços, equipamentos e produtos de:

- Hospedagem;
- Alimentação;
- Transporte – terrestre e aero
- Recepção e condução de turistas;
- Recreação e entretenimento;
- Operação e agenciamento turístico;
- Outras atividades complementares que existem em função do turismo.

A palavra aventura, do latim, *adventura*, – o que há por vir, remete ao diferente, ao inusitado. Nesse conceito, consideram-se atividades de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafios e que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer e superação, a depender da expectativa, do envolvimento e da experiência do turista além do nível de dificuldade de cada exercício. Conforme a norma ABNT NBR 15500 – Turismo de Aventura - Terminologia, define-se atividades de Turismo de Aventura como: Atividades oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos.

A prática de atividades de aventura, aqui referidas como atrativo principal, identifica o segmento de Turismo de Aventura e pode ocorrer em quaisquer espaços: natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não. Também podem ser abordadas sob diferentes enfoques:

As atividades de aventura pressupõem determinados esforços e riscos assumidos, que podem variar de intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista. Riscos assumidos significam que ambas as partes têm conhecimento e Corresponsabilidade sobre os riscos envolvidos.” Isso requer que o Turismo de Aventura seja tratado de modo particular, especialmente quanto aos aspectos relacionados à segurança.

Deve ser trabalhado, portanto, considerando as normas específicas de segurança na operação do segmento – principalmente as Normas Técnicas de Turismo de Aventura da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), regulamentos, processos de certificação e outros instrumentos específicos. As atividades de Turismo de Aventura podem ser conduzidas em ambientes naturais, rurais ou urbanos e frequentemente têm como uma das suas origens os esportes na natureza.

Os movimentos turísticos decorrentes da prática de esportes, mesmo que de aventura, quando entendidas como competições, denominam-se modalidades esportivas e são tratadas no âmbito do Turismo de Esportes. As atividades turísticas, mesmo que tendo origem nos esportes de aventura, são oferecidas comercialmente aos turistas por seu caráter recreativo. O Brasil é considerado como a segunda força mundial na atividade depois dos EUA.

As definições de base técnica oferecem informações sobre o turismo para fins estatísticos ou legislativos, fornecendo esclarecimentos para a padronização da coleta de dados comparativos sobre o turismo Hoje, o conceito adotado oficialmente pelo Ministério do Turismo – formulado pela

Organização Mundial do Turismo - OMT - para a atividade é amplo e flexível, concretizando os caracteres mais importantes do conceito: “atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outra”.

Com essa definição, colocam-se as características mais importantes do turismo, com a introdução de possíveis elementos motivadores da viagem, o período máximo de duração, a delimitação da atividade desenvolvida antes e durante o período da estada e a localização turística. A OMT (1995) esclarece que: “o entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência mais todos aqueles lugares que visita frequentemente”.

Adotando esse conceito de turismo, faz-se necessária uma nova etapa de conceituação que facilite os processos de planejamento e gestão do turismo a segmentação do turismo dá ao mercado e aos órgãos públicos responsáveis ferramentas para o estabelecimento de diretrizes e estratégias que possam especificar a área de abrangência de cada uma das atividades.

A segmentação define os seus tipos de turismo por meio da análise da oferta no território. Baseia-se em práticas e tradições de subsistência e manifestações culturais, aspectos geográficos, históricos, arquitetônicos, sociais e em serviços de infra-estrutura como saúde, educação, eventos, hospedagem e lazer entre outros. A oferta no território é definida pela identificação de grupos de consumidores, suas preferências e motivações.

Assim como a definição do termo *turismo*, a segmentação é flexível e ainda é carente de estudos embasados academicamente. Portanto, os tipos de turismo, muitas vezes, se confluem, e a linha de separação entre eles é bastante tênue. Não será diferente com o Turismo de Aventura.

O surgimento do Turismo de Aventura no Brasil não pode ser percebido a partir de um fato único. Não podemos dar a ele uma data e hora de nascimento precisa, a atividade foi brotando de formatos variados, em lugares diversos em que não se comunicavam. Pessoas que nem sequer se conheciam foram dando corpo ao Turismo de Aventura, com nomes variados, numa época em que turismo e aventura não eram cogitados como uma atividade econômica, muito menos, profissional. Podemos dizer que, em um primeiro momento, o que hoje se denomina Turismo de Aventura nada mais era do que uma forma prazerosa de estar em contato com a natureza, mesmo em um tempo em que esse tipo de atividade poderia ser visto com certo estranhamento por alguns setores da sociedade.

O contrário do paraquedismo, queda livre, *sky dive*, *sky surf* e outras atividades em que o praticante *salta* e experimenta o prazer nesse momento, todavia, no voo livre ele quer subir.

O voo exige que se usem os agentes da natureza (os ventos, as térmicas e as nuvens) para ser transportado a grandes alturas e outros locais. Na asa delta, o piloto fica deitado no cinto durante o voo. Ela voa com uma velocidade maior que a do parapente e tem uma razão de planeio maior. No parapente, o piloto voa sentado em uma espécie de cadeira acolchoada chamada Salete. A decolagem é mais tranquila e o piloto pode abortá-la caso perceba algum problema na vela. O voo é mais lento. Como atividade de aventura, além do voo individual, é possível realizar o duplo de asa delta ou de parapente, que não exige nenhuma experiência anterior.

O primeiro voo sem motor foi realizado pelo alemão Otto Lilienthal, na década de 1890. Entretanto, o pioneiro do voo moderno de asa delta é Francis Rogallo, cuja asa foi fruto de experiências em laboratórios e túneis de vento, com simulações em computador, com patente registrada em 1951.

O primeiro desenho de uma asa delta foi feito em 1966, por AlHartig. Na década de 70, o pintor francês Stephan Dunoyer de Segonzac fez o primeiro voo livre no Brasil, saltando do Corcovado, no Rio de Janeiro. O fato estimulou várias pessoas a se aventurarem na prática e, já em 1975, aconteceu o Primeiro Campeonato Brasileiro de Voo Livre. Rampas e mais rampas foram abertas para atender à demanda e, ainda em 1975, foi criada a Associação Brasileira de Voo Livre - ABVL. A ABVL tem atuação de caráter esportivo, buscando orientar, fomentar e normatizar a prática de voo livre no Brasil. O Brasil se destaca em nível mundial, participando de campeonatos e conseguindo bons resultados.

O Parapente surgiu no Brasil em meados da década de 80, por meio de experiências de paraquedistas que adaptaram seus paraquedas para decolar de encostas. O palco desses voos era a Pedra da Gávea, com pouso na Praia do Pepino, em São Conrado. Destinos como Florianópolis, Rio de Janeiro e Quixadá no Ceará são muito apreciados pelas condições favoráveis à prática. Os amantes da atividade viajam para os locais de prática para experimentar novos visuais e sensações. Foram identificados mais de 180 locais de prática de voo livre, conhecidos como rampas. Cerca de 170 organizações estão ligadas ao voo livre no Brasil sendo clubes, associações, empresas especializadas, escolas, centros de aventura e agências que comercializam o serviço. Há também aproximadamente 40 instrutores autônomos. Dessas, a maior parte está localizada em São Paulo, depois vem o estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

O piloto de asa delta (voador) precisa passar por diversas etapas até alcançar um estágio de maior aperfeiçoamento. Existe informalidade na atividade, mas a ABVL tem atuado no sentido de garantir homologação dos ofertantes.

No caso do voo duplo, qualquer pessoa interessada pode praticar asa delta ou parapente, desde que acompanhada de instrutor capacitado para esse

tipo de voo. Não existe limite de idade, mas o custo limita o acesso à prática, que tem demanda crescente.

O voo livre é praticado por mais de 2.500 pilotos que se utilizam de um grande número de rampas espalhadas por todo o Brasil.

Nesse contexto, é possível dizer que o Turismo de Aventura realmente nasceu quando um pequeno grupo de pessoas dispersas geograficamente, de diferentes classes sociais e idades, começaram a desenvolver atividades junto à natureza e, paulatinamente, começaram a vislumbrar a possibilidade de fazer daquilo seu meio de vida. Apesar das diferenças supracitadas, os precursores do Turismo de Aventura têm um traço em comum extremamente significativo: a ligação com a natureza e o gosto por desenvolver atividades a ela relacionadas, além de espírito empreendedor e inovador. Esses traços ficam claros nos depoimentos e, por meio deles, podemos dizer que o Turismo de Aventura surgiu a partir de características individuais e vivências particulares experimentadas por algumas pessoas, cada qual em seu próprio contexto.

O MUNICÍPIO DE QUIXADÁ

O município de Quixadá está localizado no macro região do sertão central do estado do Ceará (centro-leste), distando 168 km da capital Fortaleza. O mesmo foi desmembrado de Quixeramobim em 27 de outubro de 1870, e, por força da lei provincial nº 1347, tornou-se Município. A cidade de Quixadá, sede do município, está localizada na latitude – 04'58"17 e longitude – 39'00"23 com Altitude – 189 metros acima do mar. De acordo com o último censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2017, Quixadá tem uma área de 2.019,816 km², uma população de 88.3 mil habitantes, densidade populacional de 37,5 habitantes km². Aproximadamente 70% da população estão vivendo em área urbana. Seu PIB é de R\$ 11, 5.mil, Quixadá é um Município caracterizado por suas belas paisagens, possuindo um conjunto de monumentos naturais e arquitetônicos. São grandes formações rochosas em um complexo turístico que

vai do secular Açude do Cedro e da Pedra da Galinha Choca, até grutas, trilhas ecológicas e serras que despertam no homem a curiosidade e o prazer de conhecer (IPECE, 2017, p.15).

Figura 1: Parede do Açude Cedro.



Fonte: o autor, 2023.

O Município reúne diversos atrativos começando pela Pedra da Galinha Choca que tem o formato parecido com uma ave, antes de se tornar um símbolo inconfundível de Quixadá, era conhecido como serrote do "Bico de Arara". Referido acidente geográfico, que tanto desperta a atenção dos que visitam o Açude do Cedro, também impressionou os silvícolas que se adiaram em sua proximidade. Por isso, entre as origens atribuídas ao topônimo Quixadá serem relacionados com a língua tupi da paisagem Quixadaense. O Açude do Cedro o mais antigo do Brasil, construído por D. Pedro II, é tombado pelo patrimônio histórico da humanidade.

A colonização da área compreendida atualmente pelo município de Quixadá efetuou-se através da penetração do rio Jaguaribe, seguindo por seu afluente o rio Banabuiú e depois o rio Sitiá. O objetivo foi a conquista de novas terras para criação extensiva do gado.

Em 1641, Manoel da Silva Lima, alegando ter descoberto dois olhos de água, obteve uma sesmaria. Essas terras, inicialmente de Carlos Azevedo, eram o “Sítio Quixadá” adquirido por compra conforme escritura de 18 de dezembro de 1728. Esta escritura é o primeiro documento público que aparece o nome Quixadá, na sua atual forma gráfica.

O sítio foi vendido, José de Barros Ferreira em 1747. Oitos anos depois José de Barros, construiu casas de morada, capela e curral, lançando assim as bases da atual cidade Quixadá. José de Barros é considerado o fundador da cidade, a fazenda prosperou e se transformou em distrito município de Quixeramobim e, por força de lei provincial n 1347, tornou-se município. Deste período ate hoje teve cinquenta e quatro governos municipais, sendo o fazendeiro Laurentino Belmonte de Queiroz o primeiro prefeito no período de 1871 a 1873.

Os Atrativos

A uma altitude pouco superior a 400 metros, a Serra do Estevão é outro atrativo considerado uma espécie de oásis na aridez do Sertão Central do Ceará. O Santuário Nossa. Senhora. Imaculada Rainha do Sertão localizada na Serra do Urucum com 666 metros de altura é o ponto mais alto do Município, distante 12 km do Centro da Cidade. Foi idealizado e construído pelo ex-bispo de Quixadá Dom Adélio Tomasin. *"Foi no dia 12 de outubro de 1993 abençoada e colocada a primeira pedra do Santuário. Tudo foi simples, tudo foi emocionante. As nuvens, o voo das aves, o deslumbrante pôr do sol, os monólitos ao redor formavam um cenário inesquecível.*

Mas quem participou, sente ainda algo no coração, pois os sentimentos mais profundos não eram provocados por essas coisas bonitas, mas pela fé e o amor a Mãe de Deus. Havia um detalhe que também nos comovia. Tinha iniciado as escavações dos alicerces sem ter praticamente dinheiro. “Quando uma jovem da minha terra, ao saber que queria construir um Santuário a Nossa Senhora, mandou-me parte da herança recebida de seu pai e esse dinheiro deu para fazer todos os alicerces.”

A Lagoa dos Monólitos é o mais novo ponto turístico de Quixadá. É cercada por um Parque Ecológico com restaurantes, calçada para ciclistas e pedestres, quadras poliesportivas, pistas para Off Road, Bike cross, Motocross e, futuramente, com um bondinho ligando suas margens à caverna de uma pedra que fica a seu lado. Abençoada por Deus e pela natureza, esta situada na extremidade do açude Eurípides Pinheiro, a Região Central do Estado, especialmente o município de Quixadá, Polo Regional, pode ser considerado a Capital dos Esportes Radicais do Brasil. As belezas do Ceará não se concentram unicamente no litoral onde o turista pode desfrutar uma das melhores praias do nosso país, com suas altas dunas e seu clima maravilhoso. Hoje, o Turismo Ecológico, Cultural, Religioso e Esportivo está conquistando grande número de adeptos de todas as idades. Com esta visão global, são oferecidas aos turistas inúmeras opções na prática de diversos esportes e, a oportunidade de curtir uma super adrenalina na superação de seus limites, buscando sempre o binômio "homem e natureza" na prática de atividades ligadas ao ar livre Para que se possa viver toda esta adrenalina a "Sertão & Pedras" num trabalho em parceria com outra empresa a "Academia da Aventura" pioneira no Ceará, buscou-se reunir o melhor para oferecer para aqueles que são a razão da sua existência, "O Cliente". Buscar desta forma, fazer do seu discurso, uma realidade. O esporte de aventura surgiu em Quixadá por volta de 1989, com a prática do vôo livre, asa-delta, parapente, em 1992 veio o rapel que em seguida surgiu a escalada, *trekking*, trilhas, ciclismo, *Off Road*, entre outros.

O Açude do Cedro com a extensão da Pedra da Galinha Choca são locais ideais para a prática do rapel, A barragem do Açude Cedro está localizada no município de Quixadá, estado do Ceará, distando cerca de 160 km de Fortaleza. Barra o rio Sitiá, sistema do Jaguaribe. A sua bacia hidrográfica cobre uma área de 224 km² Como os trabalhos de projeto e de construção da barragem do Cedro tiveram seu início na década de 1880 – 1890, os detalhes correspondentes não são mais disponíveis nos arquivos. Assim sendo, tem como finalidades a irrigação, o desenvolvimento das culturas de vazante, a piscicultura, o aproveitamento das áreas de montante, abastecimento de água da cidade e o maior ponto exploração turística de Quixadá, foi projetada e construída pela Comissão de Açudes e Irrigação. Seu atual proprietário é o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), órgão federal que substituiu a Comissão de Açudes e Irrigação.

Com o impacto das secas dos anos de 1877/79, o Governo Imperial, no ano de 1880, solicitou ao Eng^o. Jules Revy o estudo das melhores áreas e respectivos boqueirões para a construção de açudes A barragem do Cedro teve seu primeiro projeto executado no ano de 1882 pelo mesmo Eng^o. Jules Revy. No ano de 1889, sob a direção do Eng^o. Ulrico Mursa, da Comissão de Açudes e Irrigação, após cuidadosos estudos locais, foram realizadas modificações no projeto original, que obtiveram aprovação oficial do governo. Iniciaram-se, então, a 15 de novembro de 1890, os trabalhos de construção da barragem, os quais só foram concluídos no ano de 1906, já então sob a direção do Eng^o. Bernardo Piquet Carneiro.

Durante o seu projeto e construção ocorreram fatos que valem ser ressaltados, como as secas dos anos de 1888/89, 1891, 1898, 1900 e 1902, o que tornou o açude uma obra considerada de emergência. Outros fatos ocorreram após a sua construção que merecem ser citados, como: em 1924 - sangrou pela primeira vez; em 1925 - houve uma outra sangria; em 1930/32 - durante este período o açude secou completamente; em 1974/75 - aproximadamente 50 anos depois, houve novas sangrias.

O Açude Cedro é composto por quatro barramentos. Dois deles foram construídos em alvenaria de pedra: a barragem principal, em arco, e a barragem vertedouro. Os dois outros maciços são de terra, homogêneos.

As ombreiras e a fundação da barragem do Cedro são constituídas por uma rocha magmática sienítica.

Na ocasião do projeto da barragem, em virtude da falta de dados na região, não foi possível a realização de um estudo hidrológico adequado da bacia do Cedro, o que ocasionou um superdimensionamento do mesmo em relação à sua bacia hidrográfica, vale salientar a importância desta obra para a região, pelo pioneirismo e dificuldades que tiveram de ser vencidas.

A cuidadosa lavra da cantaria do sienito local, observada na minudência do projeto, transformou, na época, a barragem principal numa obra de arte arquitetônica, ressaltada pelo seu desenvolvimento curvo e pelos pilaretes e correntes metálicas do seu coroamento.

A barragem do Cedro integrou-se com o pequeno vale fértil onde se implantou e com a serrania que o contorna, dela sobressaindo a "Pedra da Galinha Choca", esse conjunto paisagístico, com a presença do açude, logo se constituiu em centro turístico, sendo instituído como monumento artístico e histórico nacional.

Os canais de irrigação foram inicialmente projetados para atender cerca de 1.000 ha. Efetivamente, porém, a área irrigada nunca excedeu a 500 ha, entre outros motivos, pelo desperdício de água nas regas. Parapente e escalada, a gruta é outro local para se fazer trilhas ecológicas e caminhadas. Hoje é o que mais se pode fazer em Quixadá pelas suas potencialidades.

A Pedra do Cruzeiro meado de 1933 realizaram-se missões em Quixadá e os frades franciscanos solicitaram que os católicos erguessem um cruzeiro

para ficar como marco das missões. Pe. Luiz desejoso de satisfazer os missionários resolveu construir uma cruz sobre a pedra, até então denominada "Pedra Grande da Lagoa", pois era uma elevação no centro da cidade, dando muito destaque ao símbolo da nossa fé. Seu Adolfo, mecânico, cego, de grande habilidade, confeccionou as peças para serem montadas no local onde deveriam ficar, pois subir com a cruz montada era uma empreitada muito difícil. No dia 24 de junho de 1934, a população de Quixadá subiu à pedra em procissão, cantando o hino da sagrada família, para a inauguração do Cruzeiro.

A Aliança Artística e Proletária de Quixadá (AAPQ) teve como principais fundadores Jacinto Sousa, Emygdio Cabral e Sizenando Cavalcante, sendo organizada sob inspiração maçônica e congregando “artistas e proletários” numa sociedade de “benefício e resistência”. Contou, em sua assembleia de fundação, com a assinatura de mais de cem membros, envolvendo trabalhadores das mais variadas categorias de ofício como: sapateiro, mecânico, mestre de obras, alfaiates, ourives, ferreiros, mas, também, agricultores, comerciantes e outros trabalhadores menos qualificados, que raramente se destacavam, e a quem cabiam, provavelmente, o qualificativo de “proletários”.

A PRÁTICA DA ATIVIDADE DO VÔO LIVRE

A cidade de Quixadá é reconhecidamente, o melhor lugar da América do Sul, e a quarto do mundo, para a prática do vôo livre. Voadores do mundo inteiro consideram as condições climáticas favoráveis a esse esporte, sendo realizados anualmente, campeonatos de êxito internacional. O “X – Ceará” é conhecido como campeonato internacional de Vôo Livre existente desde 1999, que se realizam todos os anos no período de novembro, onde reúnem turistas internacionais de toda localidade, possibilitando a quebra de recordes da asa-delta e parapente. O lugar é ideal para a prática desses esportes radicais a rampa de Voo Livre favorece ótimas condições para prática durante todo o ano. Quixadá possui uma estrutura física excelente para a prática desses esportes,

todo seu local é demarcado, tanto nos monólitos como nas trilhas. Existe equipamento seguro para a prática dos esportes.

O perfil do praticante dos esportes de aventura tem se ampliado nos últimos anos, pois na década de 70 o perfil típico dos praticantes era formado por jovens que buscavam em esportes diferenciados a adrenalina e a emoção.

As tendências esportivas, assim como os equipamentos, eram trazidas principalmente dos Estados Unidos e da Europa atendiam a poucos. Com a popularização de alguns esportes específicos, a mídia tradicional passou a dar atenção especial e atraiu o interesse do público considerado comum. Assim, a população começou a tomar consciência que a prática dos esportes de aventura era segura e acessível, tanto que a maioria dos esportes pode ser praticada por todas as faixas etárias. A aproximação das pessoas dita “comum” aumentou o universo de praticantes e fomentou o mercado.

O perfil de estrangeiro depende da nacionalidade. Uma pesquisa feita nos EUA em 2002 revelou este perfil. Tem idade entre 35 – 54 anos (56%); viaja sem os filhos (85%); tem educação superior (82%); tem como destino favorito às florestas tropicais; tempo de viagem no mínimo oito dias; prefere viajar no período entre junho – Novembro.

Para entender um pouco mais quem é o turista de aventura, não se deve prender rigidamente a definições e conceitos, mas focar, sobretudo quem é este viajante, suas características e interesses. Turistas participantes são, em geral, pessoas jovens ou adultas com as seguintes características: têm espírito de aventura, são curiosas e adoram compartilhar experiências; viajam em grupos pequenos, em média de oito a dez pessoas e não mais de quinze; têm como característica principal o trabalho de equipe e o companheirismo; seus destinos são ricos do ponto de vista ambiental e cultural, bem conservados, de baixa frequência, e são locais onde ainda se pode desfrutar de perigos constantes; suas viagens são necessariamente difíceis e os viajantes são

submetidos a desafios e fortes emoções, testes de habilidades especiais ou prévia experiência.

Essa nova classe de viajantes cresce a cada dia e gosta de atividades em contato com a natureza, da beleza de uma área natural conservada, do prazer de observar a fauna em seu *habitat* natural, de explorar, descobrir e aprender, de superar obstáculos e sentir o prazer de superá-los. Precisa aturar com entusiasmo os solavancos, a roupa encharcada, os arranhões e as contusões. Mais ainda: gosta de descobrir como é fácil ler um mapa, navegar um rio e aprender técnicas de escalar, mergulhar, cavalgar, orientação em campo, canoagem, conduzir reses, arrumar e portar uma mochila. Para este turista, vale o esforço físico para desfrutar do cenário de uma montanha, para acampar junto a um lago de águas plácidas e cristalinas ou observar um albatroz plainando ao “sabor” do vento. Sobretudo, há também o prazer de compartilhar as expectativas com amigos e familiares.

A maior parte dos praticantes dos esportes mora na região Sudeste, praticam atividades de *outdoor* mais de uma vez por semana e viajam em média, duas vezes por ano. O levantamento foi realizado com 640 usuários e indicou que está crescendo a prática dos esportes de aventura para a classe C. A popularização dos esportes de aventura é decorrente da maior divulgação, do grande número de eventos na área, do aumento do turismo interno e do maior acesso da classe C, à *Internet*.

A população brasileira tem demonstrado um grande interesse pela aventura. A procura por clientes que antes não eram indicadas como público-alvo para a prática de alguma atividade esportiva ou turística que envolvesse aventura, agora é a mais pura realidade, assim como há o crescimento daqueles que vêm na aventura um modo de vida. Por esta razão, o mercado brasileiro está ampliando suas atividades e oferecendo novas opções, permitindo que até mesmo crianças possam se aventurar em algum esporte.

Já para outros estudiosos, o turismo é determinado pela motivação da viagem, independentemente do tempo da estada e do gasto envolvido. Entendendo-se por motivação de viagem - ou como dizem Swarbrooke e Horner (2002), “o porquê de escolher determinada viagem para determinado lugar; e territorialidade turística (espaço ocupado + identidade que representa)”.

Esta modalidade de turismo, na qual o visitante participa de uma maneira ativa facilita o seu envolvimento no conhecimento do território. A prática dessas atividades físicas delinea o nível de conhecimento de praticantes acerca dos riscos inerentes à sua atividade, por está razão o esporte necessita de equipamentos e infraestrutura que permite um maior aproveitamento do local.

Atividade como voo livre e asa delta entre outras que implicam num contato direto com a natureza, são procuradas por pessoas aventureiras, que buscam emoções que propiciem altas descargas de adrenalina no organismo, possibilitam o reconhecimento do turismo de aventura no estado.

A variedade de atividades de aventura e de locais onde são realizadas é considerada fundamental na concepção do segmento, o que exige a compreensão de que cada atividade apresente esforços distintos, o que implica procedimentos, o uso de equipamentos e competência humana específicas.

A diversidade das atividades de Turismo de Aventura tende a aumentar pela constante inovação decorrente do avanço tecnológico dos equipamentos e da busca contínua de desafios e experiências inusitadas por uma parcela significativa de consumidores e pelo contínuo desenvolvimento da capacidade das empresas de gerenciar riscos.

Assim, essa característica apresenta-se sob dois enfoques: o primeiro reside no leque de possibilidades de oferta dos produtos, o que pode gerar a

consolidação de um destino; o outro se assenta na complexidade do processo de planejamento, gestão e promoção desse tipo de turismo.

O início da tentativa de se definir o Turismo de Aventura começa pela conceituação flexível por que passou o termo turismo ao longo do ano. tida pelo senso comum como uma atividade estritamente econômica, o turismo passeia pelos diversos segmentos de estudos com facilidade, dados a complexidade das relações entre os elementos que o formam.

Alguns autores defendem que a atividade de viagem, para ser considerada turística, deve envolver o consumo do que está contido até o Destino e, principalmente, no Destino (hospedagem, transporte, alimentação, serviços etc.) portanto, um mochileiro, ao passar por um parque natural, poderia não estar praticando o turismo, pois não haveria socialização com as comunidades visitadas e nem consumo.

Se comparado a outras atividades econômicas e até aos demais segmentos do turismo, o Turismo de Aventura pode ser considerado recente a própria definição dos conceitos e das normas de funcionamento relacionados ao Turismo de Aventura está em fase de elaboração e/ou consolidação, o que indica que a sua história está sendo construída contemporaneamente.

Interiorização do Turismo de Aventura

Iniciativas a respeito da interiorização do turismo são recentes no Brasil. O país de dimensões continentais, o Brasil apresenta uma enorme diversidade

de paisagens naturais e uma cultura rica que merece ser mais bem conhecida, inclusive pelos próprios brasileiros nesse sentido, o objetivo é analisar a viabilidade de programar formas alternativas de turismo nos Municípios, procurando trabalhar com a comunidade local diagnosticando potencialidades e propondo metas de incremento do setor, ou seja, estabelecer estratégias de implantação da interiorização do turismo contemplando a exploração sustentável dessa atividade.

Alguns Municípios possuem uma diversidade de atrativos turísticos encontrados tanto no seu acervo histórico-cultural como nas suas paisagens naturais, os quais comprovam a viabilidade e o potencial para o desenvolvimento do turismo de aventura, porém alguns cuidados devem ser tomados no sentido de não impactar e degradar o meio ambiente e a cultura local, bem como não excluir a população nativa, mas privilegiá-la com o efeito multiplicador do turismo.

A implantação do turismo de aventura no Município desenvolve o turismo de forma maciça acelerando o crescimento econômico na localidade, melhorando a qualidade de vida da comunidade local, transformando em uma potência do turismo na região ou até mesmo no estado.

O Programa Nacional de Municipalização do Turismo - PNMT é um processo de conscientização, sensibilização, estímulo e capacitação dos vários agentes de desenvolvimento que compõem a estrutura do Município, para que despertem e reconheçam a importância e a dimensão do turismo como gerador de emprego e renda, conciliando o crescimento econômico com a preservação e a manutenção do patrimônio ambiental, histórico e de herança cultural, tendo como fim à participação e a gestão da comunidade nas decisões dos seus próprios recursos. antes de implementar o turismo de aventura é necessário saber se a população local está disposta a se envolver, direta ou indiretamente, com esta atividade – indiretamente porque deve haver uma abertura inicial da população para receber pessoas estranhas e com hábitos diferentes.

O diálogo permanente com a população, o esclarecimento e a informação constante, o incentivo ao seu envolvimento com estas atividades e participação no Conselho Municipal de Turismo - CMT são exemplos de ações que podem ajudar os moradores a descobrirem as oportunidades que se abrem com a implantação do turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ressalta a importância dos fatores ao turismo de aventura e suas implicações para Quixadá, e a melhor maneira de estudar e planejar o mercado são através da segmentação. O fortalecimento do turismo de aventura em Quixadá acelera o crescimento econômico na região, pois o turismo de aventura prevê a integração dos turistas com o esporte, de forma a contribuir para o aumento da qualidade de vida de todos envolvidos, principalmente da comunidade local.

A ampliação do turismo de aventura no município de Quixadá tem capacidade de gerar benefícios para o Estado, empresários e para comunidade. Já que a população local gera sua renda familiar através da pesca, agricultura, comércio e agora com a atividade turística, as projeções indicam que o desenvolvimento do turismo de aventura em Quixadá continuará a se apresentar de forma favorável transformando o turismo uma atividade econômica mais expressiva.

O turismo bem planejado gera grande perspectiva de desenvolvimento em diversos setores da economia, busca aproveitar todo potencial da localidade, resultando em benefícios para todos envolvidos. Das hipóteses do trabalho, todas se confirmam com a realidade do Município.

O município de Quixadá tem algumas características para receber os turistas praticantes do esporte de aventura. A localidade oferece condições favoráveis para a prática dos esportes.

O desenvolvimento do turismo de aventura resulta em benefícios para a comunidade locais que está presente no segmento gerando receita para o Estado, confirma também que o turismo em Quixadá acelera o crescimento econômico melhorando a qualidade de vida da população, elevando o turismo na região.

Para a melhoria e desenvolvimento do turismo de aventura no Município, são apresentadas algumas sugestões: Vontade política e apoio das autoridades para interiorização do fluxo na região, Fomentar a demanda internacional, Diversificar melhoria como forma de incentivar aplicação de investimentos na região, Desenvolver a promoção e propaganda para veiculação constante do atrativo.

O município já conta na saúde, Base do SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência /192, como também uma Policlínica, Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Unidade do Corpo de Bombeiro e Base do Coordenadoria Integrada de Operações Aéreas (CIOPAER) Mais específico no turismo com portal na entrada da cidade o acesso rampa de Voo Livre na serra do Urucum já iniciada reforma asfáltica como própria rampa o espaço foi revitalizado com grama sintética, novos banheiros, e melhorias de decolar com segurança.

Se fosse possível condensar o contexto do Turismo de Aventura de Quixadá diríamos que este tem hoje um grande número de fatores com características diversificadas e distribuídos em todas as áreas, onde são praticadas por um público jovem de classes média e alta, em sua maioria, vinte e cinco tipos de atividades, organizadas por prestadores de serviço com capacitação disforme.

A estruturação definitiva do segmento começou quando seus membros se aproximaram e tem como ponto marcante a criação da ABETA – Associação Brasileira de Esporte de Turismo de Aventura.

O setor tem como forças o potencial natural e paisagístico do País, o que favorece a prática de atividades de Turismo de Aventura, além de contar com o apoio do governo federal e estadual e de atores altamente engajados no desenvolvimento do segmento.

Por outro lado, o Turismo de Aventura tem hoje como principais ameaças a falta de preparo de parte dos empreendedores e de padronização dos serviços, a dificuldade de manutenção e expansão das empresas e também a transformação, ainda incipiente, do Turismo de Aventura em turismo de massa.

Os desafios são muitos, e as saídas podem ser resumidas nas palavras: normalização, certificação, concessão e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EMBRATUR, Departamento de Projetos. Fortaleza – CE, 2006.

VASCONCELOS, (org.) **Turismo e Meio Ambiente**. Fortaleza: UECE, 1998.

SANTOS, Glauber Eduardo. KADOTA, Délcio. **Economia do Turismo**. São Paulo. SP. Editora Aleph. 2012.

ADVENTURE SPOTS FAIR – **Feira de Esporte Turismo e Aventure**, São Paulo – SP, 2002.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. São Paulo. Editora Ática, 1998.

AUGUSTIN, Jean-Pierre. **Les Territoires Incertains du Sport. Cahiers de Géographie** du Quebec, 1997.

BRUHNS, Heloísa. **Visitando a natureza, experimentando intensidades.** In: VASCONCELOS, Fábio (org.) **Turismo e Meio Ambiente.** Fortaleza: UECE, 1998

CERVO, Amado e BERVIAN, Pedro. **Metodologia Científica.** Editora Prentice Hall, 5ª Edição, São Paulo, 2002.

COSTA, João Eudes Cavalcante. **Retalhos da Historia de Quixadá.** Fortaleza. Editora: ABC, 2002.

Diagnóstico do **Turismo de Aventura** no Brasil. Vol. 1 2009 Ministério do Turismo e ABETA.

EMBRATUR, 2006 Diagnóstico do Turismo do Nordeste. Pesquisa de campo - ENTREVISTAS. http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2012/Quixada.pdf acesso em 18 de janeiro de 2014.

FERNANDES, Rita de C. **Esportes Radicais: referências para um estudo acadêmico.** Conexões: Educação, Esporte e Lazer. UNICAMP, 1998.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica.** 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed – 12. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

INSTITUTO SUPERIOR E CENTRO EDUCACIONAL LUTERANO BOM JESUS – IELUSC. IV Encontro Nacional de Turismo com Base Local – Joinville – SC, 2000.

LEONY, Ângela. **Ecoturismo: algo mais que a busca do homem por paisagens naturais.**

_____. **Les territoires émergents du sport. Le Revue de la Communication**, Quaderni, 1998

LUCHIARI, M. Tereza. **Urbanização turística: um novo nexu entre o lugar e o mundo.** IN: LIMA, L.C (org.). **Da Cidade ao Campo: a diversidade do saber-fazer turístico.** Fortaleza: UECE, 1998.

MARINHO, Alcyane. Do bambi ao rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. *Conexões: Educação, esporte e lazer.* Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, n.3, dez., p.33-41, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. **A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes.** Conexões: Educação, Esporte e Lazer. UNICAMP, 1999a.

RUSCHAMNN, Doris Van de Meene. **Efeitos Ambientais do Turismo – Artigo 02.** Campinas. Editora Papirus, 1995.

SOUZA, Carmélia. **Ecoturismo e desenvolvimento comunitário.** In: VASCONCELOS, Fábio (org.). **Turismo e Meio Ambiente.** Fortaleza: UECE, vol. 3, 1998.

SWARBROOKE, John. **Turismo de Aventura: conceitos e estudos de casos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

VIGNEAU, François. **Les Espaces du Sport,** Paris: PUF, 1998.